SONATA

Na noite clara caminhava. Estrêlas frias luziam. A marcha distendia-lhe os músculos, sentia-se sem idade; como se nunca tivesse existido.

O ar tinha para os seus pulmões carícias subtis e frescas e invadia-o uma sensação de imponderabilidade; a certeza de vencer todos os obstáculos. Ia em estado heróico.

A paisagem fria era sua, o céu frio era seu e sentia nos músculos uma fôrça incrível, na terra um trampolim que, se quisesse, o poderia fazer saltar até ao céu. Impossível... nada!... Era sôbre a terra um animal feliz e a solidão da noite dava-lhe a impressão de ser o único.

Vieram-lhe desejos de cantar, mas não cantou; de olhos muito abertos sentia uma fôrça interior que, através dêles, avassalava tudo. Os ouvidos apreendiam-lhe os menores, os mais subtis ruídos... e conhecia-os. Se não havia de os conhecer!... Aqueles ruídos eram seus também. Ninguém mais os ouvia a não ser Êle.

A paisagem continuava dormindo, na noite fria e clara. Lembrou-se de Siegfried caminhando assim ao luar, capaz de tudo: de tudo!... Pensou-o, ali, passando entre os castanheiros de troncos carcomidos, em atitudes bruxas de espíritos maus...

— Espíritos maus!... repetiu em voz alta, e riu-se, numa gargalhada clara, como a noite. Nem um eco... Só a sua gargalhada dominadora ali. A sua gargalhada fêz-lhe um arrepio. Ali dominava, e crispou as mãos, dentro dos bolsos: — Ali dominava! Dominava! Dominava!

Siegfried passou entre os castanheiros. O seu cavalo era branco, empenachado de pêlo nas patas e caminhava sôbre o musgo do souto, sem ruído. Na ponta da sua espada um brilhante era uma estrêla.

E a noite branca dormia...

Tôdos os músculos se lhe contraíam numa fôrça invencível. Teve impulsos de gritar:

— Eh! Venham daí! Venham contestar os meus domínios!... As maxilas cerraram-se, atirou o corpo para a frente num ímpeto e, naquele passo, os pés firmaram-se elásticos no chão... Mas a noite clara, continuava imóvel...

Sentiu um cansaço nos músculos que aos poucos se foram relaxando e invadiu-o uma doçura profunda e enternecida. Certos olhos verdes abriram-se nos seus olhos, com transparências de água. Passou, novamente, Siegfried entre os troncos do souto...

Desta vez a luz branca da noite, fêz-se mais branca ainda: Cremilde sorria ao seu herói, e tinha uns olhos verdes com transparências de água. Siegfried olhou aqueles olhos, curvou-se sôbre a crina enorme e branca do seu cavalo empenachado de pêlo nas patas e de espada em riste, a galope, partiu...

Sôbre a paisagem fria adormecera também a sombra de uma nuvem. Êle continuava; seu passo batia o solo rijo do caminho. Um sôpro de aragem correu como um suspiro da noite e um braço de castanheiro desceu sôbre Êle, solene, numa reverência.

— Eu vos saúdo, Senhor!...

Olhou-o a sorrir, a sua mão passou benévola e agradecido sôbre o velho tronco macio de musgos. Sôbre a paisagem, adormecera a nuvem. Agora a estrada seguia; e era apenas uma nevoenta tira mais clara, na noite escura. Mas o mundo era seu; a vida era sua pela primeira vez. Os olhos dilatavam-se, na ânsia de ver mais além. De repente um cão ladrou:

— Oh! um cão!?...

Pareceu-lhe ser a primeira vez que ouvia ladrar assim um cão. Uma coruja largou do alto uma gargalhada irónica e matemàticamente, de minutos a minutos, repetiu... A Vida surpreendeu-o. Preferia ir, no silêncio e na noite sonhando. De novo o sonho heróico tomou-o; mas era já um sonho em que havia o ladrar de um cão de guarda aproximando-se; aproximando-se tanto, que chegou a ser ali mesmo ao pé por baixo de um portão, e a gargalhada de uma coruja de minutos a minutos, repetindo.

Dali se avistavam já as luzes da terra próxima. Faziam um halo na noite, focando nuvens baixas. Nesse halo viu o brilho de certos olhos verdes. Havia um cantar de água, perto, na noite fria. Súbito, ruído rude de passos fêl-o voltar. Alguma coisa brilhava na sombra. Sentiu uma pancada nas costas. Uma dor, aguda primeiro, e depois um frio que o atravessava das costas ao peito, como uma corrente de ar. Uma mão forte o agarrou na nuca. Caíu. Siegfried passou e desapareceu galopando. O galope do seu cavalo fumegante batia-lhe nas fontes, forte, até perder-se. A sua voz murmurou:

— Cremilde!...

Certos olhos verdes abriram-se nos seus olhos cerrados. Depois tudo foi branco, duma brancura álgida, irreal...

DOIS MENINOS NUM JARDIM

No jardim deserto brincavam dois meninos. O jardim era um jardim geométrico, com sebes de bucho escuro e ruas de areia branca. As árvores estavam paradas e já tinham poucas fôlhas e o silêncio passeava entre os ramos e nas ruas brancas.

No jardim deserto brincavam dois meninos: Um era loiro e tinha um vestido verde, uns olhos azuis e os pèzinhos nus. O outro era maior, tinha os olhos verdes e um cavalo de papelão, a espernear nos braços.

Sôbre o saibro nítido, os meninos eram nítidos e brincavam.

No jardim deserto uma luz cinzenta desenhava tôda a beleza natural das coisas e as árvores meditavam as suas canções da Primavera. O menino loiro cantou uma canção que ninguém entenderia mas que soou; e os seus olhos pairaram da barra do seu vestido verde à ponta dos seus pèzinhos nus... A sua bôca fresca riu um riso franco e sôbre o saibro da rua uma fôlha sêca foi desenhando arabescos. Os seus olhos seguiram a fôlha e as suas mãos bateram palmas... No meio do jardim havia um lago onde uma água verde-escura embalava fôlhas mortas. Sob as fôlhas apareciam e desapareciam os dorsos brilhantes dos peixinhos vermelhos. Deixaram os meninos de mirar a inquietação da fôlha caída sôbre a rua branca e vieram os dois calados e atentos seguir a passagem brilhante e silenciosa dos peixes vermelhos sob as fôlhas sêcas flutuando no tanque morto. Então, o menino que tinha o cavalo a espernear nos braços, meteu a mão ao bolso e de lá foi tirando: um lápis, um carrinho de linhas, cordéis e por fim um bocado de pão. Com os deditos sujos foi esfarelando o miolo. O menino loiro dos olhos azuis e do vestido verde passou a olhar com uma atenção severa aquela manobra estranha. Do miolo de pão o outro amassava nos dedos pequenas bolas e o menino loiro bateu-lhe no braço e inquieto pediu explicações. O outro sorriu e quedou-se, misterioso. Uma contrariedade chorosa fêz duas covinhas aos cantos da bôca do menino loiro e os olhos tiveram uma expressão hostil... Ao longe o clarim de um quartel soou em fiorituras. No cedro sôbre o tanque houve um frémito coincidente que pareceu a vibração do som. A cidade parecia morta. E o menino loiro, de olhos azuis e de vestido verde pôs as mãos na bôca e imitou um clarim soando...

FRANCISCO BUGALHO.